



## Editorial

O ano de 2021 nos trouxe muitos desafios, seja pela situação atípica em meio a pandemia do Coronavírus, seja pelas crises sanitária, política, econômica e sociais que cercam o Brasil. Tais dinâmicas não estão isentas de disputas de todos os tipos, inclusive religiosa. Nesse sentido, contextos que já vem sendo marcados por inúmeras formas de violências, também encontram na religião uma relação que não pode ser ignorada. Diante dessas configurações e refletindo sobre o atual quadro sociorreligioso, este número da revista *Sacrilegens* oferece ao caro leitor um dossiê intitulado: *Religião e Violência*.

Pensar a relação entre religião e violência vai muito além do contexto atual, pois as duas categorias possuem uma relação profunda, especialmente, quando se considera a religião como sistema de sentido. Rubem Alves (1996) em *O que é Religião?* nos informa que a religião surge com o poder que as pessoas tem de dar nomes as coisas. Ela se apresenta como certo tipo de fala, de discurso e de símbolos, isso porque enquanto tal, a religião tem a potência de falar daquilo que é, muitas vezes, mais caro a experiência humana – o desejo. E esse desejo visto como um sintoma de privação, uma “presença da ausência”. A violência enquanto fenômeno humano não é fácil de ser definida, é preciso considerar que ela “não é uma, é múltipla”. O vocábulo vem da palavra *Vis* que quer dizer força e se refere às noções de constrangimento e de uso da superioridade física sobre o outro. A violência constitui o uso da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. As ações realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam em danos físicos, emocionais e espirituais a si próprios e aos outros também são consideradas como violência (OMS, 2002).

Em disputas de sistemas de sentido que versam, especialmente, sobre o desejo humano, posições exclusivistas podem fazer jus a tipos de violência – simbólica ou física – que acabam por cercear corpos e inibir a pluralidade e a diversidade de vivências, experiências, crenças, costumes, práticas e afins. Não é por acaso que determinados tipos de discursos religiosos muitas vezes amparam ações de violência, especialmente contra a natureza, contra populações indígenas, negras e negros, mulheres, LGBTQI+, entre outros: estes representam aquilo que escapa ao obscurantismo de posições que se



pretendem únicas e exclusivas, e revelam que a potência de nossos corpos se faz, justamente, na capacidade de criar novos sentidos e novos *desejos* todos os dias.

Nesse sentido, considerando que a relação entre religião e violência deve ser compreendida a partir de diferentes perspectivas teórico-metodológicas e pela ótica das diversas tradições religiosas enquanto produtoras de sentido e, assim, de compreensões a respeito dessa relação, este dossiê é composto por cinco artigos.

Em o *Pentecostalismo e o choque de civilizações: o Brasil e a identidade judaico-cristã*, Luís Zimmer e Guilherme Cardoso Estevão discutem, por meio de perspectivas das Relações Internacionais, a relação entre o choque de civilizações e o pentecostalismo brasileiro. No artigo *O caráter religioso do judiciário: uma reflexão a partir de René Girard*, Maiara Rubia Miguel investiga como o religioso está na função da justiça em nossa sociedade. Em *As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência*, Gilciana Paulo Franco discute os reflexos da colonização na vida dos afro-brasileiros, em especial daqueles que são praticantes das religiões de matriz africana.

A partir da relação entre Religião, Política e Violência, no artigo intitulado: *Wilson Witzel e a guerra contra a pobreza e a favela: uma gestão religiosa-neoliberal que desloca o conceito de Estado Moderno e o uso da violência de Weber*, Priscila Gonçalves analisa um possível deslocamento da noção weberiana de Estado Moderno quanto ao uso e a função da violência tomando como objeto a gestão de Wilson Witzel, ex-governador do Rio de Janeiro. Enquanto isso, no *Jesus, o mito: um novo imaginário popular brasileiro sobre Jesus pelos crentes no atual contexto sócio-político*, José Augusto Oliveira Dias, Carlos Antônio Braga de Souza e Isabel Cristina Bueno Palumbo, abordam o campo religioso na utilização do personagem de Jesus no atual contexto sócio-político-brasileiro e a ressignificação do seu imaginário.

Além dos artigos do dossiê, a edição conta com sete artigos de temática livre e duas resenhas. Todos os textos foram submetidos à avaliação duplo-cega.

A capa dessa edição traz a obra intitulada *A representação da Queda do Céu* inspirada na obra *A queda do céu: palavras de um xamã yanomani* de Davi Kopenawa e Albert Bruce (2015, Cia das Letras) do juiz-forano Marcelo Massi, artista independente e pesquisador no campo da Ciência da Religião (PPCIR/UFJF). Nela, o artista faz uma relação entre o processo de imposição violenta do cristianismo aos povos indígenas no Brasil em que explicita a responsabilidade desse cristianismo colonizador nas queimadas



das florestas e na disputa ilegal e sangrenta do extrativismo que acontece inclusive em áreas de reservas indígenas. A obra original é feita em giz pastel, tamanho 65x46cm.

Destaca-se a excepcionalidade desse volume que é o primeiro publicado pela nova gestão da Sacrilegens. Todas as etapas do processo editorial foram seguidas com rigor e atenção, sendo cada submissão tratada com a devida transparência e seriedade de uma equipe engajada e com compromisso ético, característico do laboro editorial. Nesse sentido, chegamos aqui com a certeza de um trabalho bem feito, e com orgulho de contribuir para a pesquisa científica no país, trazendo publicações de qualidade e excelência que muito têm a contribuir para o campo da Ciência da Religião, especificamente, e para os estudos em religião de um modo geral.

Reiteramos o compromisso da Revista Sacrilegens com a defesa das instituições públicas, o compromisso com o desenvolvimento científico e com uma educação pública, gratuita e de qualidade. Em tempos de ataques à ciência e à educação, fazer a manutenção de uma revista discente de um programa de pós-graduação é também um ato de resistência.

Desejamos que tenham uma boa leitura.

Cláudia Aparecida Santos Oliveira

Giovanna Sarto

Ernani Francisco dos Santos Neto

**Editores da Revista Sacrilegens  
Gestão 2021/2022**